

A nova linha divisória

Villas-Bôas Corrêa

O eleitorado-gigante de 82 milhões, com comparecimento provável de mais de 70 milhões — descontada a abstenção que se estima abaixo de 10% —, está hoje redesenhando, com a cruzinha rabiscada a tinta preta ou azul no quadrado da cédula, o modelo político do país, apagando a velha fórmula esparta da maioria ocupando, ao mesmo tempo, os cantos do governo e da oposição, para esboçar, com traço tosco e sinuoso, a linha do amanhã.

A confrontação ideológica que ajeitou o primeiro turno, depois de tantas bagunças impostas pelo casuismo e por malandragens sabidas, projeta um segundo turno de arrepiar a penugem do braço e dar tremura no friume na espinha, pode parecer avaliação simplista e distorcida, que nada tem com a aragem de modernidade que areja o mundo, dissipando o ar viciado do radicalismo maniqueísta.

A ressalva procede, em parte. Convém não ficar agarrado a preconceituosa precisão de adjetivos e encarar a realidade com olhos limpos da catarata de prevenções. Deixemos de frescuras sofisticadas e vamos aos fatos. Basta ficar na pergunta óbvia: o que é que divide a sociedade nesta eleição?

Certamente que não são os partidos, embora algumas legendas médias tenham crescido e se afirmado como propostas de largo futuro, como é o caso exemplar do PT e, em alguma medida, o PDT, com fôlego para sobreviver à liderança carismática de Brizola, como herdeiro legítimo da vertente trabalhista ou o que dela se distingue do sindicalismo petista.

Também não é a veneranda trampa de governo *versus* oposição. O governo ausentou-se da campanha por falta de condições de nela influir e, ao final, apesar dos protestos do presidente José Sarney, viu-se envolvido na salafrice evangélica da infausta candidatura Sílvio Santos pela participação ostensiva de personagens que emergi-

ram do negrume dos porões palacianos. Ninguém está definindo o voto contra o governo. Se fosse por aí, o primeiro turno acabaria empatado como o campeonato baiano da piada macumbeira de João Saldanha.

Ora, se não são os partidos que atraem os eleitores nem a alternativa governo-oposição, então o que é?

Façam um teste. Dividam folha em branco por risco de alto a baixo. Agora, de memória ou consultando os modelos de cédula publicados em todos os jornais, arrumem os candidatos na coluna à direita e à esquerda.

Vamos lá. Collor? Do lado de lá. Adiante. Brizola? Lula? Da banda de cá. Em frente. Maluf? Caiado? Sem hesitação, para lá. Afif, Ulysses, Aureliano? Idem. Roberto Freire é a esquerda assumidamente marxista.

Fácil, não? Ah, falta o *tucano* Mário Covas. Não foi esquecimento, mas a cautela na escalação do candidato de impecável desempenho na campanha, excelente na TV, disparado na reta nas inclinações de voto das classes A e B. Com menos penetração no povão? Por que? Exatamente porque a postura equilibrada, com inequívoca sensibilidade para os problemas sociais, sem ranço de hidrófobo horror à esquerda, marca o senador Covas como candidato singular. Ele não tem serventia para os passionais, que se abastecem da emoção excitada à histeria. Os radicais não o aceitam. Do lado de lá, picham-no como comunista dissimulado. Do outro lado do muro que ainda resiste por essas bandas, como um aprendiz de reacionário que aderiu ao capitalismo e, em estado de choque, vira as costas às convicções socialistas. Porisso, Covas conjuga o aparente paradoxo de nunca ter alcançado o segundo lugar nas pesquisas, sinalizando classificação para o segundo turno e, ao mesmo tempo, é imbatível contra qualquer adversário nas simulações das hipóteses de segundo turno.

Creio que está explicado e entendido. Para arrematar: o segundo turno disputado no mano a mano entre um

candidato do lado de lá e um do de cá apresenta, entre muitas outras vantagens, a de não afastar, por antecipação, da rodada decisiva, marcada para 17 de dezembro, um segmento da sociedade, e um pedaço significativo.

O embalo da campanha reclama a emoção da final entre candidatos diferentes, instantaneamente identificados pelo eleitorado. Sem hesitações ou dúvidas. A briga de comadres entre Brizola e Lula é uma escaramuça pelo segundo lugar. O que perder aderirá em lágrimas ao classificado, também sacudido por soluços. Brizola recepcionará Lula e todo o comando do PT com churrasco de ovelha preparado com exata técnica gaúcha. Se der Lula, será sua vez de reconciliar-se com Brizola em São Bernardo, entre goles de cana e a transbordante efusão das pazes seladas. Para onde irá o eleitor de Lula se der Brizola contra Collor? Ou rasga o título no repêlo da raiva ou esfria a cuca e vota no rumo da sua coerência. E vice-versa, que o raciocínio vale para os dois.

A facilidade com que o eleitor do grupo de lá decidirá seu voto no segundo turno corresponde ao embaraço em orientar-se hoje pela bússola no voto útil. A esquerda chega embolada à boca da urna. O centro deita e rola, deslizando para a tranquilidade do voto colírio no único candidato que sobrou, no seu balaio furado de insucessos pessoais e partidários.

O eleitor, por paus e pedras, chegou onde queria e devia. Pelo menos, é o que parece. Falta conferir. Mais algumas horas e a confirmação saltará da apuração do TSE, girando em alta rotação, na velocidade necessária para acompanhar a corrida do eleitorado que fez sua parte, ao atingir os fantásticos 82 milhões, um salto de dar vertigens quando se recorda que na última presidencial direta, em 60, mais de 29 anos passados, não ia além de anêmicos 15 milhões. Arrumadinho na meia-dúzia dos grandes partidos e brigando, diante do espelho: o lado de lá contra o lado de lá.